

Vez e voz às crianças!



Criação de Maria Júlia Reis Correia do Espírito Santos, entre 2010 e 2013. São Luís - Maranhão.

EDITORIAL

A LINGUAGEM COMO ENUNCIADO VIVO: A RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA PEDAGÓGICA

Por *Vanilda Gonçalves de Lima*

É pela linguagem que os sujeitos histórico-culturais estabelecem as interações sociais, trocam conhecimentos, experiências e vivências apropriadas e compartilhadas uns com os outros, capacidade essa que os diferem dos demais animais. Por meio da apropriação da linguagem, o sujeito desenvolve suas capacidades humanas de interagir com o outro, de pensar, refletir, analisar e planejar suas ações, tendo em vista contribuir com o processo de transformação social, cultural, política e, principalmente, educacional, pois o processo de Educação Humanizadora proporciona a formação e o desenvolvimento das capacidades e funções psíquicas superiores do ser social, isto é, humaniza o sujeito.

Nessa perspectiva, o trabalho pedagógico com a linguagem como trocas verbais e não verbais, no contexto sócio-histórico, cultural e político, é elemento vivo, pulsante e transformador das condições humanas fundamentadas pelas bases teóricas e práticas da Educação Humanizadora, pois visa ofertar as ferramentas necessárias aos estudos teóricos e às práticas pedagógicas dos profissionais docentes.

No contexto escolar, o processo de ensino e aprendizagem da linguagem viva e pulsante,

emerge das próprias interações verbais e não verbais das crianças, também consideradas como sujeitos ativos no processo de apropriação e de objetivação dos conhecimentos sociais, históricos, culturais e humanizadores, porque o próprio dizer da criança constitui-se objeto e produto da linguagem que se materializa em enunciados orais e escritos, estabelecendo sentido e significado. Os enunciados da criança são parte do processo de leitura e de escrita em sua vida escolar e fora dela.

Dessa forma, as práticas pedagógicas da língua materna precisa ter como base os próprios enunciados da criança, sendo ela um sujeito que tem o que dizer, para quem dizer e sabe como dizer.

Trabalho pedagógico como esse pode ser constatado nas práticas pedagógicas que defendem a linguagem viva como elemento propulsor dos enunciados orais e escritos, na perspectiva da educação que defendemos como desenvolvente e humanizadora, como explicitado nas sessões “De Professor para Professor” e “Eu Faço Assim”, desta edição.

DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

A LINGUAGEM COMO OBJETO DE INTERCÂMBIO CULTURAL

Por Gisele de Assis Carvalho Cabral

Como a linguagem tem vida, os atos de escrever devem ser endereçados a alguém, ao Outro, uma vez que a realização de atos de escrita se dá no processo social, entre interlocutores reais.

O enunciado compreendido como elemento indissociável da situação extraverbal de troca social, que o atualiza, passa, nessa situação, a ser inserido em uma esfera em que a linguagem realmente se manifesta. A situação de troca social é responsável pela materialização do enunciado em sua manifestação histórica, social e cultural.

O enunciado deve ser considerado muito mais o resultado de um ato enunciativo do que uma configuração semântico-sintático-morfológica de encaamentos de elementos linguísticos. Embora se manifeste linguisticamente, vincula-se organicamente aos sentidos da vida.

Portanto, na construção de sentidos, o projeto de escrever possibilita o jogo de trocas verbais com o Outro, que tem voz e que interage com o locutor, porque toda compreensão é prenhe de resposta. A troca obriga o Outro a assumir o lugar de locutor, já que o próprio locutor não espera uma compreensão passiva ao elaborar seus enunciados.

Desse modo, o ensino da escrita deve ser proposto por meio das relações dialógicas entre professor e crianças para que elas percebam a linguagem como manifestações de trocas verbais sociais presentes em suas vidas, cujas ações se manifestam entre interlocutores reais que utilizam a linguagem escrita como meio de construção de sentidos.

Diante de tais constatações, o desafio é envolver a criança no seu processo de aprendizagem, considerando que, quando os atos de escrever se distanciam da relação dialógica entre ela e sua experiência na relação com o Outro, nela não se desperta a necessidade de realizar esses atos. Essa necessidade não nasce com a criança, uma vez que as necessidades e os sentidos precisam ser formados, consolidando-se a partir das experiências vividas com a linguagem escrita em

processos de interlocução. Não basta, então, que a criança observe um fenômeno ou que ela ouça as explicações do professor para que um conteúdo se torne consciente para ela; esse conteúdo deve ser objeto das ações que realiza e que fazem parte de sua atividade.

A base para tal compreensão encontra-se nos escritos de Bakhtin (2016) e de Volóchinov (2017), que conceituaram o gênero do enunciado como meio para que as relações entre os usuários da linguagem se estabeleçam, configurando-se como mediador de trocas sociais, considerado em sua instabilidade e nas múltiplas possibilidades de significação da palavra intercambiada por ele.

A linguagem é, então, concebida como um objeto de intercâmbio social, um processo que promove a interlocução, por meio de enunciados passíveis de entendimento, numa determinada situação social, dependente da possibilidade de resposta dos seus interlocutores.

Por esse motivo, as propostas de escrita de diferentes enunciados se embasam no entendimento da linguagem como objeto social ao objetivarem, por isso mesmo, a escrita em situações de trocas verbais com o Outro – um interlocutor real – por meio do uso de suportes condizentes com os interesses das crianças e com a função dos tipos de enunciado que foram objetivados.

Por meio da contribuição dos estudos dos autores que integram a Teoria Histórico-Cultural, ressalta-se a consideração de que a educação organizada pelo professor para conduzir a aprendizagem revela-se fundamental, uma vez que, ao aprender com sua ajuda, a criança se desenvolve e muda qualitativamente o seu psiquismo, não apenas pelos novos conhecimentos adquiridos nesse processo, mas também, e principalmente, pelas transformações que se dão em sua formação como pessoa humana.

Assim, faz-se necessária a criação de condições pertinentes e favoráveis ao processo de

apropriação da escrita pelas crianças por meio dos diálogos efetivados em busca de um mesmo propósito: a elaboração, pelas crianças, de enunciados escritos com função social.

A FUNÇÃO SOCIAL DE DETERMINADO GÊNERO DO ENUNCIADO FICA EVIDENTE QUANDO SE TEM UMA CONCEPÇÃO DE QUEM SERIA O OUTRO NO PROCESSO DE INTERLOCUÇÃO E, A PARTIR DISSO, SÃO FEITAS TENTATIVAS PELO AUTOR/ENUNCIADOR DE OCUPAR O LUGAR DO OUTRO – COMO LEITOR/DESTINATÁRIO –, COM SEUS PROVÁVEIS MODOS DE VER O MUNDO, NA TENTATIVA DE SE FAZER COMPREENDER, EXPERIENCIANDO ASSIM A ALTERIDADE NA BUSCA DE COMPLETAR-SE PELO OUTRO.

Nos momentos em que as crianças escrevem, inseridas em situações sociais reais de troca verbal, elas não apenas se motivam para escrever, mas também compreendem as necessidades reais de criação oral ou escrita endereçada para o Outro. Desse modo, o(a) professor(a), ao exercer o papel de parceiro(a), deve ajudar na criação de necessidades e de objetivos para que as crianças atribuam sentido a suas ações e criações, assim como sempre fazem em suas vidas. Sobre o ensino dos diferentes gêneros de enunciado, cabe ao(à) professor(a) proporcionar situações de criação de enunciados escritos em que o escrever se torne uma necessidade, e para que a materialização de tais criações as motivem a agir, isto é, o(a) professor(a) deve auxiliar as crianças a ter motivos cruciais em suas vidas para realizarem atos de escrever, lançando-se efetivamente em processo de criação verbal escrita.

Para isso, todos devem ser considerados como sujeitos ativos em constante transformação. Desse modo, o(a) professor(a) exerce influência ativa no desenvolvimento das crianças ao criar condições para que sua atividade transcorra de modo a transformar qualitativamente seus processos mentais.

Na seção “Eu faço assim” deste Boletim, pode-se acompanhar uma proposta com enunciados a ser replicada, com as modificações necessárias, pelas professoras e pelos professores que se interessem por propostas que incluam a vida fora da escola no fazer escolar.

Espera-se, diante da proposta exposta na Seção “Eu faço assim”, que o trabalho com base nos gêneros do enunciado seja estimulante para tornar possível não apenas a transformação do conteúdo a ser ensinado às crianças, mas também a transformação das próprias crianças como sujeitos em processo de formação para que se tornem seres socialmente atuantes e revolucionem a sociedade dividida em classes, com a implementação de uma sociedade cada vez mais humanizada e economicamente menos desigual.

Referências

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.

CABRAL, G. de A. C.; KOHLE, É. C. *Produção de comentários por crianças escolares a partir de proferição de enunciado narrativo*. *Entretextos*, Londrina, v. 24, n. 3, p. 139–162, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/1519-5392.2024v24n3p139-162>

VOLÓCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

EU FAÇO ASSIM

COMENTÁRIOS DE CRIANÇAS A PARTIR DE PROFERIÇÃO DE ENUNCIADO NARRATIVO

Por Gisele de Assis Carvalho Cabral e Érika Christina Kohle

Sou Gisele, professora de uma turma de alunos de 5º ano do ensino fundamental e, ao mesmo tempo, sou doutoranda na Unesp de Marília. A Érika é professora de língua portuguesa e também diretora de uma escola municipal. Vou contar uma experiência que fiz com as crianças de minha sala, com ajuda da Érika. Primeiramente, devo destacar que entendemos o enunciado como uma manifestação de linguagem indissociável de uma situação extraverbal, de troca social, isto é, uma situação que solicita a manifestação de diálogos.

Para isso, é necessário que sejam criadas as condições favoráveis ao processo de apropriação da linguagem escrita pelas crianças por meio dos diálogos.

Inicialmente, propusemos que as crianças clicassem no botão do menu “Histórias” do site <https://nahum-lescrever.com.br/>. O objetivo era compreender a história para proferi-la, isto é, transmiti-la em voz alta a alguém da família, para os colegas e tecer os comentários sobre ela no site onde ela está postada. Cada criança recebeu uma cópia impressa da obra com as ilustrações, como está publicada no site. Era uma fábula traduzida por Dagoberto Buim Arena, retirada de um livro de contos e de histórias da Alsácia, uma região da França que faz fronteira com a Alemanha.

O jarro de vinagre

Era uma vez um homem e uma mulher que viviam durante longo tempo em um jarro usado para vinagre. Por fim, eles se cansaram disso e o homem disse à mulher:

– Você é a causa de nós vivermos nesse jarro azedo. Se não fosse você, nós não estaríamos tanto tempo aqui.

Mas a mulher respondeu:

– Não, você é a causa disso!



Cada criança recebeu o texto para explorá-lo. Quem se interessar em conhecer o fim da história, deve ir para o site, porque aqui não coube a fábula inteira!

Pedimos que as crianças interessadas fizessem a proferição para alguém no final de semana. Para isso, elas tinham que conhecer a história previamente, portanto, era necessário que já a tivessem lido, isto é, que a tivessem compreendido.

Ao retornarem, algumas contaram sua experiência:

Professora: - Para quem você apresentou o texto? Você proferiu ou contou com suas palavras?

Criança 1: - Proferi a história para a minha mãe.

Professora: - E como foi essa experiência?

Criança 1: - Ela gostou bastante da narrativa e pediu para ver as ilustrações.

Professora: - E para você? Como foi?

Criança 1: - Gostei muito de contar uma história para minha mãe que ela não conhecia.

Criança 2: - Conte a história para a minha mãe. Ela disse que parecia a minha irmã do meio e eu porque para nós tudo que ela faz nada está bom.

Criança 3: - Proferi para a minha bisavó, e ela falou que “Quem tudo quer, nada tem!”

Criança 4: - Proferi para a minha mãe que falou que eles eram muito exigentes e que queriam de tudo.

Criança 5: - Proferi para a minha avó, e ela falou que parece meu irmão que tudo o que vê quer.

Professora: - Muito bem! Vi que “O jarro de vinagre” causou muitas comparações entre as personagens e os seus familiares, não é?

Crianças: - Sim!

Crianças: - É mesmo!

(Registros da pesquisa).

Em seguida, como foi combinado anteriormente, propusemos às crianças que escrevessem coletivamente um comentário para postar no site do NAHum sobre essa experiência com a narrativa traduzida e disponibilizada pelos seus organizadores.

Professora: - Vamos escrever juntos um comentário no site do NAHum? Lá no site, todas as pessoas que acessarem o site poderão ler o comentário de vocês.

Criança 1: - Eu quero fazer meu comentário para postar.

Criança 3: - Eu também quero. Vou contar o que a minha bisavó me disse, depois que eu li a história para ela.

Professora: - Isso mesmo. Para isso precisam pensar em como e o que vão escrever. Que linguagem vão utilizar? Formal? Informal? Por quê?

Criança 2: - Podemos agradecer no site pela tradução da história? Se não tivessem traduzido para o português, não conseguiríamos ler a história.

Criança 4: - Tem que ser escrita formal, porque vamos postar, né?

Professora: - Exatamente!

Sugerimos que elas postassem comentários no próprio site a respeito da fábula lida. Elaboraram um comentário coletivo:

Nós, alunos do 5º ano C, da EMEF ***** , somos alunos da professora ***** e queremos contar a nossa experiência com essa narrativa.

- Proferi para a minha mãe, e ela gostou bastante da narrativa e pediu para ver as ilustrações. (Criança 1)
- Conteí a história para a minha mãe. Ela disse que parecia a minha irmã do meio e eu porque tudo que ela faz nada está bom. (Criança 2)
- Fiz a proferição para a minha mãe, e ela não achou os personagens muito inteligentes porque de tudo tinham e nunca estavam satisfeitos. (Criança 4)
- Proferi para a minha bisavó, e ela falou que "Quem tudo quer, nada tem!" (Criança 5)
- Proferi para a minha mãe que falou que eles eram muito exigentes e tudo que viam queriam. (Criança 6)
- Proferi para o meu pai, e ele achou a narrativa divertida. Minha mãe ouviu um pouco da história e disse que parecem os meus primos que agem igualmente aos personagens. (Criança 7)
- Proferi para a minha avó. Ela disse que parecia a minha mãe porque ela (sendo filha mais nova) é mimada. Ela achou legal e identificou-se muito com o texto. (Criança 8)
- Proferi para a minha mãe. Ela falou que parecem meus primos que querem tudo o que tenho. (Criança 9)
- Eu li (não proferi para ninguém) e identifiquei-me com o meu irmão porque tudo o que a minha mãe faz ele acha pouco. (Criança 10)
- Proferi para a minha avó, e ela falou que parece meu irmão que tudo o que vê quer. (Criança 11)

Agradecemos a tradução da história. Se não tivesse traduzido para o português, não teríamos conhecimento da narrativa.

Após a postagem do comentário coletivo com a colaboração de grande parte das crianças, todas elas ficaram ansiosas para receberem uma resposta para a postagem, porque perceberam que quase todas as postagens do site tiveram uma resposta. Logo vieram as respostas, no próprio site, do professor responsável pela tradução.

Oi, alunos da Professora *****! Li os comentários de vocês a respeito da história "O jarro de vinagre". Quando li essa história em francês, eu pensei: "Ah! Tem tanta gente assim, que nunca está satisfeita com o que tem! E essas pessoas acabam ficando sem nada!!" Então decidi: "Vou traduzir essa história e postar no site do NAHum só para ver o que os leitores vão dizer". Eu pensei que somente professores iriam lê-la, por isso fiquei surpreso quando vi que vocês, alunas e alunos da ***** , tinham lido e também tinham feito a proferição para seus pais, avós e bisavós. Li cada um dos comentários que eles fizeram. Eu percebi que todo mundo tem alguém da família que nunca está satisfeito com o que já tem. E a bisavó da ***** já retirou do fundo do baú um velho e bom provérbio: "Quem tudo quer, nada tem!" Espero que vocês continuem lendo e proferindo as histórias que estão no site. Peçam pra a Professora ***** mostrar pra vocês! Melhor ainda: naveguem vocês mesmos, porque vocês podem escolher uma história hoje, outra amanhã. E assim a escola vai se tornar mais gostosa, não é? Um beijo pra vocês! E até a próxima história e o próximo comentário. (Professor *****)

Os comentários do professor Dagoberto geraram mais comentários das crianças e as motivaram a ler mais histórias do site, a tecer e postar mais comentários. Pedimos a elas que, antes de postarem, nos mostrassem seus enunciados para que fizéssemos juntos o seu melhoramento. Nesse processo, foi dedicada atenção ao uso do teclado do computador para inserção de caracteres híbridos (letras, acentos, cedilhas, til, sinais de todos os tipos, espaços em branco, ortografia, letra maiúscula), Perceberam a situação de escrever digitalmente para um destinatário real que leria e responderia a esses comentários.

Olá, professor ***** , eu vim agradecer por ter mencionado meu nome no seu comentário e por ter traduzido a história. (Criança 5)
Criança 5, não há o que agradecer. Eu é que devo agradecer a você por ter lido a história que eu traduzi. Fiquei contente em saber que você tem interesse em ler histórias como a do Jarro de Vinagre. (Professor *****)
Eu gostei muito do texto. A mulher e o homem são muito exigentes iguais pessoas que eu conheço. A história foi muito bem escrita e o pássaro podia só ter dado um desejo para os dois. (Criança 12)
O pássaro era muito sábio!! Ele já sabia que as pessoas são assim, insatisfeitas. Ele aproveitou para alertar a todos que o orgulho exige alto preço!! (Professor *****)
Este texto foi muito legal. Nós gostamos muito porque a mamãe cabritinha foi muito esperta. As imagens estão muito fofas. (Crianças 6 e 8)
Crianças 6 e 8, as imagens dos cabritinhos são fotos e filmes que eu fiz quando viajei para o estado do Maranhão! Fui a um sítio e quando vi aqueles cabritinhos pulando, logo me lembrei da história que eu estava querendo traduzir. Ai juntei tudo. E ficou bonito, não é? (Professor *****)
Eu amo essa história. Desde bebê, sei de cabeça "Os sete cabritinhos" e passei a gostar dela. (Criança 9)
Nossa, Criança 9. Esta história faz parte de sua vida, então!!! De qual versão, que você leu ou ouviu, gostou mais?
Eu gosto mais da versão em que o sétimo cabritinho se esconde atrás do relógio e tudo fica uma bagunça. (Criança 9)

Ao final, ficou evidente que essa situação real criou necessidades reais de atos de escrever e de atos de ler em que o diálogo esteve no centro das atenções. As crianças sentiram-se como elos em uma cadeia dialógica. Eram, em uma ponta, criadores dos diálogos. Logo, em outra ponta, eram leitores dos diálogos. A situação não era inventada, não era de faz-de-conta. Elas escreviam pra valer, no movimento da vida.

Referência

O jarro de vinagre. Disponível em:
<https://nahum-lescrever.com.br/o-jarro-de-vinagre/>

MURAL

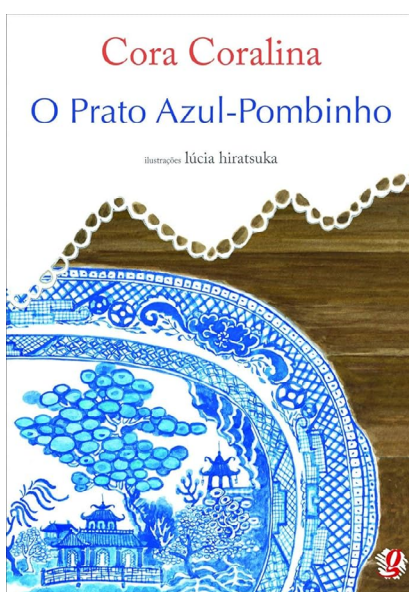
COMPARTILHANDO IDEIAS

Conheça o PodCast – Educação e Sociedade, criado pela escola Curumim de Campinas - SP! Neste link aqui apresentado <https://www.youtube.com/watch?v=1DWuTfNiXnQ> vocês acompanharão a reflexão sobre o tema Afinal, o que é uma escola forte para nossos filhos e filhas?

Gláucia Ferreira e Andréia Mascarenhas apresentam o que seria uma escola forte, a partir de uma visão humanizadora, tendo como base a Pedagogia Freinet.

LEITURA NA RODA

A matéria literária vem no decorrer do dia, no escorrer das horas, sejam boas ou ruins. Um exemplo disso está impresso no livro *O prato azul-pombinho*, escrito por Cora Coralina, cujo fato desumano ela viveu em seus dias de menina, na pacata cidade de Goiás. A ilustração de Lúcia Hiatsuka retrata lugares distantes do mundo oriental, marcados no prato com azul cobalto. Em cada página, lugares ou personagens ganham zoom entre a beleza das palavras escritas em verso, e, depois, para os poucos habituados a dançar o tango dos versos, mais habituados a caminhadas com poucas curvas, vem a narrativa, também poética, que explica como o fato desumano desapareceu da Vila de Goyaz.



FIQUE POR DENTRO

Frank Smith, em seu livro *Leitura Significativa*, já nos ensinava que é preciso ler com rapidez, mas não a rapidez dos exercícios de fluência leitora sem sentido, que vão na contramão da natureza do funcionamento da mente humana, histórica, social e cultural. Então, como trocar sentidos rapidamente com os autores pelas marcas gráficas? É preciso que as crianças aprendam a fazer isso! O cinema nos dá essas condições!! A Sétima Arte, construção humana, histórica e cultural, pode ser esse instrumento que expõe, por tempo limitado, as legendas e as imagens, ambas articuladas à criação de sentidos. Leve filmes para seus alunos uma vez por mês! Não os filmes dublados de apelos comerciais, mas os legendados, de culturas diversas! Escola é lugar da apropriação da cultura humana. Sugiro, para começar, o filme iraniano *O jarro*, do diretor Ebrahim Foruzesh porque as legendas não são tão velozes e as crianças de uma escola pobre são as protagonistas.



<https://www.youtube.com/watch?v=LC-S0fTMY-M>

Caso precisem de orientações sobre como organizar as sessões de cinema com as crianças, como ensinar o que são legendas, como planejar quantas paradas devem ser feitas durante a exibição para garantir que as crianças acompanhem com compreensão, leiam o livro disponível em e-book:

<https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/aprender-a-ler-aprender-a-ver-filmes-legendados-em-escolas/>

